

Introdução e agradecimentos

Chegamos à III Jornada Monteiro Lobato, realizada no início de dezembro de 2021, sempre com o apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e, nesse ano, também da Universidade de Taubaté. Os trabalhos apresentados ao longo da Jornada, e outros que contribuem para os estudos da obra e do autor, encontram-se aqui reunidos. Logo na abertura, em nossa tradicional “Mais que uma epígrafe”, Jochen Weber apresenta em “Literatura infantojuvenil brasileira traduzida para o alemão – uma visão geral” um panorama da publicação de obras da literatura infantil e juvenil brasileira traduzidas para a língua alemã. Há muito a se fazer neste campo – como em vários outros –, conforme se poderá notar, mas ao menos uma das grandes lacunas acaba de ser preenchida pela publicação de *Die Abenteuer von Lúcia – dem Mädchen mit dem Stupsnäschen*, a tradução para o alemão dos três primeiros capítulos de *Reinações de Narizinho, a menina do Narizinho Arrebitado*, organizada por Vanete Santana-Dezmann¹. Abordando o mesmo tema, ou seja, a tradução, John Milton destaca no primeiro capítulo – “Metáforas lobatinas para o tradutor” – as metáforas de tradução cunhadas por Lobato e, no segundo, Taís Diniz Martins traz um estudo intitulado “Monteiro Lobato e Silveira Bueno, os tradutores de Henry Ford”.

No terceiro capítulo, que abre um novo tema no livro, Denise Maria de Paiva Bertolucci apresenta os “Antecedentes da partida da família Monteiro Lobato para Nova Iorque (1927)” e, em seguida, em “Um caipira no *Harlem Renaissance*: Monteiro Lobato”, Vanete Santana-Dezmann desvenda um importante capítulo da história da Literatura Brasileira ao explicar por que o romance *O choque das raças ou O presidente negro* não foi publicado nos Estados Unidos há quase cem anos e traz algumas novidades sobre a vida de Lobato na nascente *Big Apple*. Dando prosseguimento à análise da obra de Lobato tendo em vista as acusações que ela sofreu recentemente, Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira aprofunda as discussões sobre o livro que esteve no centro das acusações em “*Caçadas de Pedrinho* ou a guerra de comandos e símbolos”. No sexto capítulo, “Boneca de pano é gente, filósofa e produto social: a formação educacional-instrutiva de Emília”, Ana Paula Negrão Ferreira analisa a evolução de Emília por meio dos aspectos pedagógicos e educativos a que a boneca teve acesso e que, reflexivamente, tornam-se traços de sua *performance* ao encenar, em mundo mágico e liberto, realidade a que o público leitor de seu tempo não estava acostumado.

Encerrados os capítulos que analisam obra e personagens, a recepção da obra de Lobato pelo público leitor se torna o tema central de “Máscaras e disfarces:

¹ SANTANA-DEZMANN, V. (Org.). *Die Abenteuer von Lúcia – dem Mädchen mit dem Stupsnäschen – von Monteiro Lobato*. Lünen-Alemanha: Oxalá, 2021. 161 p. ISBN: 9783946277590.

cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta”, de Patrícia Aparecida Beraldo Romano, e em “Que não dirá a Posteridade?: Monteiro Lobato prepara o seu legado”, Emerson Tin apresenta e discute elementos que nos permitem ter melhor noção das movimentações de Lobato acerca dos temas relativos à preservação de sua imagem pessoal, como escritor, e de sua obra, pensando na posteridade. Um dos trunfos de seu estudo é detectar as nuances envolvidas quando a questão da permanência circunda, por um lado, a audiência pública de seus escritos, representada pela edição em livro ou, por outro lado, o âmbito privado, caso das cartas do escritor, sem deixar de problematizar o livro de conteúdo epistolar, que teve, com Lobato, um dos seus ápices na história da Literatura Brasileira.

Abrindo a quinta e última parte do livro, temos o estudo sobre a adaptação da obra infantil e juvenil de Lobato para as revistas em quadrinhos empreendido por José Elio da Mota Júnior e Vanessa Gomes Franca: “A turma do Sítio do Picapau Amarelo adaptada em quadrinhos pela RGE”. Com este nono capítulo, praticamente fechamos o círculo aberto pelos capítulos dedicados à tradução. Temos também o capítulo sobre uma das “personagens” mais importantes para a vida e obra de Lobato, “Purezinha Monteiro Lobato: companheira de vida e obra”, de Raquel Endalécio Martins. “Raça e cultura em *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*”, de José Wellington de Souza, embora não trate diretamente de Lobato e sua obra, constitui-se em capítulo imprescindível para compreendê-los e por isso se encontra aqui. Já a contribuição de Silvio D’Onofrio “Um artigo ‘inédito’ de Monteiro Lobato”, revela diferentes facetas de Lobato: o Lobato-criança-leitor, o Lobato editor e, a mais desconhecidas delas, o Lobato que, ainda na primeira metade do século XX, já se preocupava com os animais:

Sobre o livro de S. Cipriano tenho uma confissão a fazer. Todos os editores lançavam essa obra, porque na opinião dos livreiros da época, “era o que o povo queria”. E como eu me fizera editor, resolvi lançar também o meu S. Cipriano. Mandeí comprar o livro para ver o que era. Oh, pura feitiçaria de macumbeiros. Uma coisa sordida. E cheio de crueldades, de sapo de boca costurada, de pombinhos cegados com ferro quente. Isso me decidi a lançar uma nova edição – uma edição isenta daquelas crueldades para com os pobres animaizinhos. E mexi no texto clássico, fazendo as necessárias alterações. Onde dizia: “... e pega então um sapo, costura-lhe a boca e joga-o numa fogueira”, eu pus: “... e pega então um sapo, risca-lhe uma cruz nas costas e joga-o numa lagoa bem funda” – exatamente o que o sapo queria. A ao pombinho também libertei da cegueira, substituindo-a por uma gentileza qualquer. Tirei desse livro uma edição relativamente grande, e vendi-a com muita facilidade. Mas por fim o povo deu de desconfiar que aquele S. Cipriano não era o “legítimo”: suas receitas não davam os mesmos resultados das antigas...

E antes que algum incauto queira lançar mão dessa citação para destacar um suposto desprezo de Lobato pela “pura feitiçaria de macumbeiros”, destacamos a revelação do desfecho de sua edição do livro de São Cipriano. Neste relato, o autor Lobato se utiliza de um dos recursos mais básicos da composição de textos para apresentar seu reconhecimento de que o que ele tomara antes por “pura feitiçaria de macumbeiros” surtia, sim, efeitos – corrigindo, por esse meio,

seu conceito sobre feitiçaria anterior à publicação do livro. Este artigo “esquecido” de Lobato, de certa maneira, traz novos elementos para a discussão que se desenrola na mídia sobre *Caçadas de Pedrinho*.

Para encerrar este livro, temos uma singela homenagem a este que continua sendo o maior autor brasileiro de literatura para crianças e jovens, a narrativa “Sem celular, sem Google Maps, nem Waze”, de Angélica Royo.

Quanto ao poema que abre este livro, “From the Dark Tower”, de Countee Cullen (1903-1946) – acompanhado da tradução de Vanete Santana-Dezmann, “Da Obscura Torre” – um dia sua relação com Lobato e sua obra será compreendida.

Aproveitamos para salientar o esforço envidado para respeitar, tanto quanto possível, a integridade das informações transcritas. Não se deve estranhar, portanto, palavras como “pharmacia”, “escriptor”, “idéas” e assemelhadas, além das discrepâncias de acentuação, com relação ao nosso idioma atual: agudos, crases, tremas, hifens, tudo é grafado como o foi por Lobato várias décadas atrás. Nem mesmo possíveis equívocos na composição (regência, colocação pronominal, repetição, cesura etc.) ou de impressão, presentes nos originais, foram “corrigidos” ou sinalizados por meio de “sic” ou algum outro recurso. Procedimento idêntico foi adotado com relação a maiúsculas, negritos, itálicos e aspas: se os destaques existiam nos materiais consultados, eles foram mantidos; se não existiam, não foram inseridos. O respeito ao documento original, neste volume, é pressuposto básico para a preservação dos traços temporais, culturais e também dos condicionantes da criação, seja em termos de autoria, revisão ou impressão.

Preferimos, também, manter as grafias de “estória”, associada à ideia de criação ficcional, e “história”, em aproximação com a ciência histórica – distinção usual em outros idiomas, pelo entendimento de que o uso de apenas uma palavra para designar universos tão distintos empobrece a análise.

Agradecemos às(aos) participantes, colaboradores e também ao público que acompanhou a III Jornada Monteiro Lobato, evento que originou o presente volume, pela divulgação e por fazer de nosso evento profícuo espaço de debate.

Agradecemos às(aos) colegas pelos capítulos aqui impressos, seu esforço ressalta a riqueza legada pelo fértil espírito de Monteiro Lobato – ainda longe de ter sido apreendida, e a importância da existência de múltiplos pontos de vista para que o contraponto se faça sempre presente.

Agradecemos ao editor Mário dos Santos, da Editora Oxalá.

Agradecemos à FFLCH-USP e também à UNITAU por hospedar, em altíssimo nível, o nosso evento.

Agradecemos a você, leitor(a), pelo interesse por nosso trabalho.

Finalmente, convidamos a todas e todos para acompanhar e participar de nossos trabalhos: www.observatoriolobato.org.

Vanete Santana-Dezmann

From the Dark Tower – Countee Cullen (1903-1946)

We shall not always plant while others reap
The golden increment of bursting fruit,
Not always countenance, abject and mute,
That lesser men should hold their brothers cheap;
Not everlastingly while others sleep
Shall we beguile their limbs with mellow flute,
Not always bend to some more subtle brute;
We were not made to eternally weep.

The night whose sable breast relieves the stark,
White stars is no less lovely being dark,
And there are buds that cannot bloom at all
In light, but crumple, piteous, and fall;
So in the dark we hide the heart that bleeds,
And wait, and tend our agonizing seeds.

Da Obscura Torre (tradução de Vanete Santana-Dezmann)

Plantaremos nem sempre enquanto o incremento
Dourado outros colhem do desabrochar dos frutos,
Nem sempre sem face, abjetos e mudos,
Os reles manterão seus irmãos nodoentos;
Não eternamente, enquanto outros ficam sonolentos
Com uma flauta doce vamos tentar enganar seus membros,
Nem sempre nos curvaremos ante algum mais sutil bruto;
Não fomos feitos para eternos lamentos.

A noite cujo peito de zibelina o forte cura,
Estrelas brancas não são menos meigas sendo escuras,
E há botões de modo algum florecidos
Na luz – mas ressecados, desleixados e caídos;
Assim no escuro ocultamos o coração em sangria,
E esperamos e cuidamos de nossas sementes em agonia.